

ANO LXXIX - Nº 20 - RIO DE JANEIRO - MAR 2007 / SET 2007



*Supremo Conselho Grau 33º
do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil*

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Venâncio Igrejas, 33º
Ex-Soberano Grande Comendador, Membro Efetivo

Geraldo de Souza, 33º
Lugar Tenente Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Joaquim Alves Barbosa, 33º
Grande Chanceler G.: dos Selos

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º

Geraldo de Souza, 33º

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

Membros Efetivos

Venâncio Pessoa Igrejas Lopes (12/11/1972)

Geraldo de Souza (12/11/1972)

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Edno Gomes Dannemann (14/03/1987)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Joaquim Alves Barbosa (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

*Francisco Bezerra de Araújo Galvão Neto
(24/09/1991)*

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Joaquim Takao Tano (12/03/1993)

José Ebram (12/11/1993)

Atyla Quintães Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

*Cyrilo Leopoldo Carvalho da Silva Neves
(21/09/2000)*

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correló (11/09/2004)

Paulo Fernandes Silveira (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes, 33º (30/9/2006)



Revista Astréia

Órgão Oficial do **Supremo Conselho
Grau 33º do Rito Escocês Antigo
e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil.**

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues
Torres, 33º, Soberano Grande
Comendador**

Redator Chefe

Ir.: **Geraldo de Souza, 33º, OJB 0065**

Diretor e Jornalista Responsável

Ir.: **José Fernando Miranda
Salgado, OJB 1102 - 99**

Redatores Adjuntos

Ir.: **João Alexandre Rang el
de Carvalho, 33º**

Ir.: **Venâncio Igrejas, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Antônio Sodrê Brandão**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional

Rua São Vicente, 127 - Tijuca
20620-140 Rio de Janeiro RJ

*Tiragem desta Edição: 10.000
exemplares*

Correspondência

Revista Astréia

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro RJ
Telefax: (21) 3390-3000
www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

*Os artigos publicados nesta revista
são de inteira responsabilidade de
seus autores.*



Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33°
Soberano Grande Comendador

Inveja

“Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou.”
(Gênesis:4:8)

O episódio bíblico, que serve de preâmbulo a esta mensagem aos Irmãos, descreve o primeiro homicídio, historicamente narrado, decorrente da inveja.

Realmente, a inveja, um dos **Pecados Capitais**, origina atos malévolos que atormentam a Humanidade.

É próprio do invejoso atribuir toda a sorte de defeitos àquele que inveja. Em regra, por possuir o invejado qualidades, boa fama, bens ou posições que o invejoso deseja para si.

O que mais infelicita o invejoso é o sucesso de outrem.

O invejoso tenta desmoralizar o alvo de sua inveja através de todos os meios, por mais vis que sejam, pois não consegue refrear a sua infelicidade à vista da felicidade alheia.

Em todos os setores da atividade humana a inveja atormenta o invejoso. Nas artes, na política, nas finanças, no meio social, nas profissões, enfim, onde houver qualquer sucesso ou

realce. É o mundo; é o ser humano, são as fraquezas inerentes ao homem.

Há, porém, atividades que não admitem tal modo de proceder.

A Maçonaria é um escola de aperfeiçoamento, o que pressupõe sermos todos imperfeitos. Temos, entretanto, o dever inalienável de aperfeiçoar-nos; no dizer maçônico: **“desbastar a pedra bruta”**.

Na segunda instrução do Aprendiz Maçon, o Ir.: 1º Vigilante proclama: *“Na Maçonaria... se ensina a moral mais pura e mais propícia à formação do caráter do homem ...”*.

Já no trolhamento do Irmão visitante, responde ele que está na Maçonaria *a fim de vencer suas paixões, submeter sua vontade e fazer novos progressos, estreitando os laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros Irmãos.*

Diante destas premissas, que não são os únicos ensinamentos maçônicos, pode um ver-

dadeiro Maçon investir contra um Irmão, buscando prejudicá-lo, instigado pelo pecado da inveja?

É justo e aceitável que um Maçon, detentor eventual de poder, que lhe foi conferido pela vontade de seus Irmãos, iludidos em sua boa fé, atente contra a honra ou boa forma de um Irmão por pura inveja de seu sucesso, seja na Maçonaria ou fora dela?

São as perguntas e questões que ponho à consciência dos Maçons livres e de bons costumes.

O Supremo Conselho e seus dirigentes têm sofrido as mais solertes diatribes por parte de invejosos, unicamente pelo fato de terem conseguido que o **Rito Escocês Antigo e Aceito** haja progredido intensamente em nosso país.

O evidente progresso material, social e humano do **Supremo Conselho**, que já atravessou os limites de nossas fronteiras, incomoda terrivelmente, a ponto de já haver sofrido atos que somente enxovalham aqueles que os praticaram.

Continuaremos o nosso trabalho, é nosso dever, livremente assumido, incomode a quem incomodar.

Não é justo, não é aceitável, pois, trabalhamos incessantemente pela causa maçônica, pela felicidade de todos os Irmãos que se sentem gratificados em pertencer aos **Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito**. Tudo sem qualquer anseio de reconhecimento ou gratificação, senão o sentimento do dever cumprido.

Há, entretanto, enorme distância entre o sentimento de despreendimento e o mau odor das injustiças. Somos Humanos.

A história há de, afinal, proferir o seu aresto, definindo o certo e o errado; o bom e o mau procedimento. E, acima dela, está o **Tribunal de Deus**, o G.:.A.:.D.:.U.:.



1



O Brasil na 48ª Conferência dos SS.: GG.: CC.: Europeus

Por João Alexandre R. de Carvalho, 33º

Chefe da Secretaria Geral

A majestosa *Cidade Eterna* – *Roma* foi palco de um dos mais importantes encontros do Rito Escocês Antigo e Aceito no ano de 2007. Patrocinada pelo bicentenário **Supremo Conselho, 33º, para a Itália**, deu-se a realização, entre os dias 27 e 31 de maio, da **48ª Conferência dos Soberanos Grandes Comendadores da Europa e Países Associados**.

Atendendo ao convite especial feito pelo Hon.: Ir.: **Corrado Balacco Gabrieli, 33º**, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho para a Itália e fraterno amigo de nosso Supremo Conselho, o Hon.: Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, participou de tão importantes eventos na companhia de sua esposa **D. Corina Baldo** e do Ir.: **João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º**, Chefe da Secretaria do Supremo Conselho.

A Conferência, cujos trabalhos foram realizados em cinco sessões plenárias, todas presididas com muita tranquilidade e sabedoria pelo Soberano Grande Comendador **Corrado Gabrieli, 33º**, com o eficiente assessoramento do Secretário dos trabalhos, Il.: Ir.: **David Cerniglia, 33º**, teve a participação de 25 delegações estrangeiras (além de Itá-

lia e Brasil), sendo elas: África do Sul, Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chipre, Costa do Marfim, Espanha, Estados Unidos – Jurisdições Norte e Sul, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra e Gales, Irã (no exílio), Israel, Portugal, Romênia, Rússia, Sérvia, Suíça, Togo e Turquia.

Além de relevantes debates sobre a estrutura, a história e as tradições do Rito Escocês Antigo e Aceito, rito maçônico mais praticado em todo o mundo, a Conferência propôs um tema único a ser apresentado em forma de trabalho escrito por todos os países participantes – **“R.:E.:A.:A.: no mundo e para o mundo”**. Nesse ponto, em particular, o trabalho apresentado pelo Soberano Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, foi muito bem recebido por todos, pois principalmente enfocava, visando o progresso do Rito rumo a um futuro seguro, a necessidade de se

cumprir os tradicionais dispositivos das **Grandes Constituições**, sempre afirmando que **deve apenas haver um Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.:** em cada grande Nação, Reino / Império ou Estado soberano (exceção feita apenas aos Estados Unidos da América) regular e reconhecido, integrante da **Conferência Mundial dos Supremos Conselhos**. O não cumprimento deste e de outros preceitos podem vir a afetar a grandeza do Rito, a integridade e o fraterno relacionamento existentes entre os Supremos Conselhos Regulares.

Outro assunto debatido pela Conferência foi a importância do bom relacionamento dos Supremos Conselhos com o Simbolismo e suas Potências regulares e reconhecidas em cada país. Mencionando novamente preceitos das **Grandes Constituições**, reafirmou-se a delegação de autoridade à(s) Grande(s) Loja(s) ou Grande(s) Oriente(s) sobre os três primeiros Graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom) do R.:E.:A.:A.:, reafirmou-se também que urge haver em todos os países, como já ocorre no Brasil, uma relação clara, aberta e fraterna entre o Supremo Conselho e a(s) Potência(s) Simbólica(s), lembrando que ambas as Instituições Maçônicas são **soberanas**, gerenciando autonomamente os Graus pelos quais são responsáveis, sem que jamais um dos dois possa intervir nas atividades do outro; e reafirmou-se, finalmente, que um Supremo Conselho jamais possa, de qualquer forma, vir a ser criado pelo Simbolismo, visto ser regra pétreia que esta criação só pode acontecer pela reunião de Soberanos Grandes Inspectores Gerais da Ordem (Grau 33º, coroados Membro Efetivo).

Os assuntos abordados acabaram transformando-se em **ação**, una-



2



ninamente aprovada pelos Soberanos Grandes Comendadores / Chefes de Delegação presentes.

Intercalaram-se também momentos de extrema confraternização entre os participantes, demonstração inequívoca da Universalidade do Rito Escocês, em particular, e da Maçonaria, como um todo. Destacamos o jantar de recepção aos visitantes presentes e o banquete de encerramento, ambos oferecidos pelo Soberano Grande Comendador **Corrado Balacco Gabrieli, 33º** e sua amável esposa **Elena Pacella**, e como não se pode ir a Roma sem ver o Papa, uma obrigatória e belíssima visita ao Vaticano e seu renomado Museu, inclusive com visitas exclusivas guiadas a Capela Sistina.

Encerrados os trabalhos, graças às bênçãos de nosso **G.:A.:D.:U.:**, todo o longo retorno ao Rio de Janeiro ocorreu em perfeita segurança.

Parabéns ao Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, que muito bem tem representado nosso Supremo Conselho, **único** regular e legítimo no Brasil, em todas as conferências e eventos internacionais para os quais é convidado, levando a grandza do **R.:E.:A.:A.:** e da Maçonaria Filosófica brasileira aos quatro cantos do mundo!

1 - SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e Sr. João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º, Chefe da Secretaria Geral, durante reunião de trabalho.

2 - Casal Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º (SGC Brasil) e Sr. Carina Baldo, com o casal Robert Townshend (SGC Canadá) e amável esposa Patricia.

3 - A partir da esquerda, os Ilr. Pierre Marchal, 33º, SGC Bélgica; Peter Kozma, 33º, Past SGC Hungria; e Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, SGC Brasil.

4 - A partir da esquerda, os Ilr. Lutfallah Hay, 33º, SGC Irã no exílio; Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, SGC Brasil; Mauro Milanesi, 33º, SGC África do Sul; Jack Ball, 33º, SGC Austrália e José Carlos Nogueira, 33º, SGC Portugal.

5 - Ilr. Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º, laçoiam o Ilr. Israel Benbassat, 33º, SGC Israel.

6 - Ilr. Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º e Constantin Iancu, 33º SGC Romênia.

7 - Foto oficial da 48ª Conferência dos Soberanos Grande Comendadores da Europa e Países Associados - Roma / 2007.





or João Alexandre R. de Carvalho, 33º
chefe da Secretaria Geral

As fotografias falam por si! Um evento marcante e histórico – a celebração dos 178 anos de fundação do Supremo Conselho em conjunto com a M.: R.: Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo, realizada na bela cidade de Vitória, entre os dias 15 e 18 de março deste ano.

O Sereníssimo Grão Mestre **Sérgio Muniz Gianórdoli**,

*Sob.: Gr.: Inspetor Litúrgico-ES,
 Ir.: Atyla Quintaes Freitas Lima,
 33º; Deputado Federal (ES) Ir.:
 Lelo Coimbra e o S.: G.: C.: Luiz
 Fernando Rodrigues Torres, 33º.*





S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, em foto oficial com os Sereníssimos Grão-Mestres do Brasil.

33º, Grande Benemérito do Supremo Conselho, a Alta Administração e demais leais Obreiros de sua Grande Loja, não mediram esforços no intuito de receber com fidalguia e júbilo o Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, os Grandes Dignitários, Oficiais, Inspectores Litúrgicos e outros Irmãos componentes dos Altos Corpos do R.: E.: A.: A.:.

Destacamos, com muita honra, a participação de vinte e três Grão-Mestres, legítimos líderes do Simbolismo

nacional, sinceros amigos do Rito e do Supremo Conselho, e, também, a presença do Il.: e Pod.: Ir.: **José Maria Florêncio Junior**, 33º, Grande Ministro de Estado do Supremo Conselho para a Polônia.

Viva a união da Maçonaria Simbólica e Filosófica Brasileira!



1



2

1 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e o Ir. José Maria Florêncio, 33º (Grande Ministro de Estado do Supremo Conselho da Polônia).

2 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º; Ir. Sérgio Muniz Gianordoli, 33º (Sereníssimo Grão Mestre / ES) e Ir. Rui Silvio Straglioto, 33º (Membro Emérito e Sereníssimo Grão Mestre / RS).





1 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º; Ir. Sérgio Muniz Gianórdoli, 33º (Sereníssimo Grão-Mestre / ES); Ir. João Carlos Silveira, 33º (Sereníssimo Grão-Mestre / PR) e os Sereníssimos Grão-Mestres Bernardino Senna Ferreira Filho, 33º (AP), Antônio Fontes Freitas, 33º (SE), Aides Bertoldo da Silva (GM Adjunto / ES) e Milton Gouveia da Silva Filho, 33º (PE e Presidente da última Assembléia da CMSB);

2 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º; Ir. Itamar Assis Santos, 33º (Sereníssimo Grão-Mestre / BA) e Ir. Juarez Vasconcelos, 33º (Sereníssimo Grão-Mestre / MS)

3 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, em companhia do Ir. Sérgio Muniz Gianordoli, 33º (e esposa), e do Ir. Rubens Gianordoli (e esposa)

4 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, Ir. Rubens Gianordoli (escritor e pintor) e Ir. Sérgio Muniz Gianordoli, 33º (Sereníssimo Grão-Mestre / ES)

5 - S.: G.: C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º sendo homenageado pelo Ir. Sérgio Muniz Gianordoli, 33º (Sereníssimo Grão-Mestre / ES).



O Pensamento Vivo de Albert Pike

Moral and Dogma



Nota do Tradutor

Ao traduzir trechos da obra de Albert é impossível ficar insensível. Surpreende a enorme abrangência de conhecimento e a mensagem subliminal de destino de sua obra.

Pike tinha uma cultura imensa e uma tosa familiaridade praticamente de todos os tempos da antiguidade. Boa parte da repetição por vezes cansativa, em seu texto, revela a necessidade de demonstrar o pensamento a diversos autores a respeito do mesmo. As notas ao final dão uma boa ideia dos autores nos quais buscou referências. A mensagem subliminar é elitista. No Grau 24 fica claro que Pike destinou a obra não a todos os Maçons, mas àqueles que crêem, que possam entender e absorver a essência dos antigos Mistérios, que possam compreender-se no âmago da doutrina iniciática. Recentemente, em seu recente *The Jesus Michael Baigent* traça um perfil da doutrina de Jesus Cristo exatamente no mesmo sentido: a mensagem para os capazes de entendê-la. Ao que parece, há 150 anos atrás, Pike conduziu à busca de algo que, aparentemente se perdeu no advento da *Idade da Razão*.

Príncipe do Tabernáculo Grau 24 (4ª parte)

Tradução livre de J.W. Kreuzer Bach

(continuação)

Próximo do candelabro ficavam outros emblemas representando os céus, a terra e a matéria orgânica de cujo seio emergem os vapores. Todo o templo era uma imagem resumida do mundo. Havia candelabros com quatro braços, símbolo dos quatro elementos e das quatro estações; com doze, para os símbolos dos signos; e até outros com trezentos e sessenta dias, para o número de dias do ano, sem os dias suplementares. Imitando o famoso Templo de Tiro, onde havia as grandes colunas consagradas aos ventos e ao fogo, o artista de Tito colocou duas colunas de bronze na entrada do pórtico do templo. O mar hemisférico de bronze, apoiado em quatro grupos de três bois voltados para os quatro pontos cardeais, representava o touro do equinócio vernal, que em Tiro era consagrado a Astarté, para quem, segundo Josephus, Hiram construiu um templo e que usava, em sua cabeça, um elmo com a imagem de um touro. E o trono

de Salomão tinha touros adornando os braços e era apoiado em leões, como os de Horus, no Egito e o do Sol, em Tiro, do mesmo modo referindo-se ao equinócio de primavera e ao solstício de verão.

Segundo Macrobius(36), os que na Trácia adoravam o Sol, sob o nome de Saba-Zeus, o Baco grego, construíram um templo em sua honra no monte Zelmisso, sua forma redonda representando o mundo e o sol. Uma abertura circular no teto admitia a luz e introduzia assim a imagem do sol no santuário, onde ele parecia brilhar como nas alturas do firmamento, dissipando as trevas dentro do templo, este um símbolo representativo do mundo. Ali a paixão, morte e ressurreição de Baco eram representadas.

Do mesmo modo, o Templo de Elêusis era iluminado por uma janela no telhado. O santuário iluminado desta forma era comparado por Dion(37) ao Universo, do qual ele dizia só diferir em tamanho. Nele,

as grandes luzes da Natureza tinham muita importância. As imagens do Sol, Lua e Mercúrio estavam misticamente representadas (este último como Anúbis, que acompanhava Isis). Eles ainda são as três luzes de uma Loja Maçônica, exceto por Mercúrio, absurdamente substituído pelo Venerável Mestre da Loja.



À esquerda, Hélios, o deus grego do Sol, muitas vezes identificado com o Apolo dos romanos, iluminava diariamente a terra ao passar com sua carruagem de fogo. Louça do período clássico grego, British Museum, Reino Unido.

À direita, o deus Mercúrio, o hermes dos gregos seria a jóia original dos diáconos nas Lojas Maçônicas.





Júpiter colocou Hércules, seu filho com Alcmena, para mamar nos seios de Hera, sua esposa legítima. Quando a deusa descobriu o engodo, jogou a criança. Seu leite esparramou-se pelo céu, dando origem à Via Láctea, que Tintoretto (1513-1594), um dos grandes pintores da Renascença italiana, retratou em Origem da Via Láctea.

te como os três oficiais em Elêusis seguiam o Hierofante. Vinha então um carregando uma mão aberta e espargindo leite no chão de um vaso dourado na forma de um seio feminino. A mão era a da justiça e o leite aludia à via Láctea, ao longo da qual as almas desciam e ascendiam. Dois outros seguiam, um carregando um abano e o outro um cântaro, símbolos da purificação pelo ar e pela água. A terceira purificação, pela terra, era representada pela imagem do animal que a cultiva, um boi ou uma vaca, trazido por outro oficial.

A seguir, vinha uma arca, magnificamente adornada, contendo os órgãos geradores de Osiris, ou de ambos os sexos, emblema dos poderes da criação. Conta a fábula egípcia que quando Tifon cortou o corpo de Osiris em pedaços, ele jogou os órgãos genitais no Nilo, onde um peixe os devorou. Átis automutilou-se, assim como fizeram seus sacerdotes depois dele, imitando-o. E foi nesta parte que Adonis foi ferido pelo ja-

Eusébio(38) relaciona, como os principais Ministros nos Mistérios de Elêusis: primeiro, o *Hierofante*, vestido com os atributos do Grande Arquiteto (Demiurgos) do Universo; depois dele, vinha o *Dadoukos*, ou portador da tocha, representando o Sol; depois, o portador do altar, representando a Lua; e, finalmente, o *Hieroceryx*, portando o caduceu, representando Mercúrio.

Como não era permitido revelar os diferentes emblemas e as cerimônias misteriosas da iniciação dos profanos, não sabemos os atributos, emblemas e ornamentos destes e dos demais oficiais, dos quais nem Apuleio e Pausânias ousaram falar.

Sabemos apenas que se falava de tudo como proposital para impressionar o Iniciado, e que tanto a visão como a audição ficavam igualmente deslumbradas. O *Hierofante*, idoso, de nobres feições, longos cabelos, postura digna, voz grave e longas vestes, sentava-se no trono. Representando o deus-motivador da Natureza, supunham-no envolvido em seu trabalho e envolvido em um véu que mortal algum podia suspender. Mesmo seu nome era ocultado, como o do Demiurgo, cujo nome era inefável.

O *Dadoukos* também envergava longas vestes e cabelos compridos, com uma bandana em sua testa. Callias, quando desempenhando este ofício, lutou na grande batalha de Maratona(39), vestido com as insígnias do cargo, sendo tomado pelos bárbaros(40) como um rei. O *Dadoukos* liderava a procissão dos iniciados e era o encarregado das purificações.

Não sabemos as funções do *Epibomos* ou assistente do altar, que representava a Lua. Aquele astro era uma das duas casas das almas e um dos dois grandes portões pelos quais elas descendiam e ascendiam. Mercúrio era encarregado de conduzir as almas através desses portões. Indo do sol à lua, elas passavam por ele, que as admitia ou rejeitava de acordo com sua pureza. Por isso, o *Hieroceryx*, ou Arauto Sagrado, que representava Mercúrio, era encarregado de excluir os profanos dos Mistérios.

Os mesmos oficiais são encontrados nas procissões dos Iniciados de Ísis, tal como descrito por Apuleio. Todos vinham vestidos de linho branco, arranjado justo do peito aos pés. O primeiro trazia uma lâmpada na forma de um barco, o segundo, um altar, e o terceiro, uma palmeira dourada e o caduceu, exatamen-

Selene é a deusa grega representada pela Lua, irmã de Hélio (o Sol) e de Eó (Aurora), que iluminava a noite ao passar com sua carruagem prateada. Apaixonou-se por um mortal, Endímion, para quem conseguiu de Júpiter a vida e a juventude eternas.





vali(41). Tudo isso como analogia, quando o Sol chegava ao equinócio do outono, da perda de seus poderes geradores e vivificadores (equivalendo ao escorpião que em velhos monumentos pica aquelas partes do touro) quando desce para as regiões da escuridão e de inverno.

Diz então Apuleio que vinha *"um carregando consigo um objeto que alegrava o coração do portador, uma efígie venerável da Divindade Suprema, que não se parecia com o homem, gado, pássaro, besta ou qualquer criatura viva, uma invenção única, venerável pela originalidade de concepção, um maravilhoso e inefável símbolo dos mistérios religiosos, para ser contemplado em profundo silêncio. Sua figura era de uma pequena urna de ouro polido, trabalhada artisticamente, arredondada no fundo e coberta em seu exterior pelos magníficos hieróglifos dos egípcios. Seu bico não se elevava, mas estendia-se lateralmente, serpenteando como um pequeno riacho, enquanto, no outro lado oposto, ficava uma alça, com extensões laterais semelhantes, encimada por uma áspide cujo corpo se enrolava e cuja garganta escamosa projetava-se para o alto"*.

A basilisca(42), ou real insignia dos faraós, frequentemente ocorre nos monumentos, uma serpente enrolada com a cabeça erguida. [...]

Nos Mistérios de Mitras, uma caverna sagrada, representando o mundo, era usada para a introdução dos iniciados. Diz Eubulus(43) que Zoroastro introduziu este costume de consagrar cavernas, que também foram consagradas em Creta, a Júpiter, na

Arcádia, à Lua e a Pan; e, na ilha de Naxos, a Baco. Os persas, nas cavernas onde os Mistérios de Mitras eram celebrados, fixaram o assento daquele deus, pai da geração ou Demiurgo, perto do ponto equinocial da primavera, com o Norte à sua direita e o Sul à sua esquerda.

Segundo Porfírio de Tiro, Mitras presidia sobre os Equinócios sentado em um touro, o animal simbólico do Demiurgos, e portava uma espada. Os equinócios eram os portões pelos quais passavam as almas indo e vindo dos hemisfério de luz e de trevas. A Via Láctea também estava representada, passando perto destes portões. Era, na velha teologia, denominada de o caminho das almas. Para Pitágoras, era o número imenso de almas que formava aquele cinturão luminoso.

Ainda de acordo com Porfírio, na rota seguida pelas almas, ou, melhor ainda, sua marcha progressiva pelo mundo, através das estrelas fixas e dos planetas, a caverna de Mitras mostrava não apenas as constelações como marcava os portões das almas nos quatro pontos do Zodíaco [...] e os sete planetas, cada qual com seu portão, pelos quais elas passavam.

Sabemos disto por Celsus (45), que diz que a imagem simbólica da passagem por entre as estrelas, usada nos Mistérios de Mitra, era uma escada que ia da terra aos Céus, constituída por sete degraus ou estágios; em cada qual havia um portão e, no cume, um oitavo, o das estrelas fixas. Diz Celsus que o primeiro portão, pesado, de chumbo, era de Saturno e simbolizava um progresso

lento e monótono. O segundo, de estanho, era de Vênus e simbolizava seu esplendor suave e flexível. O terceiro, de latão, era de Júpiter, emblema de sua solidez e segura naturais. O quarto, de ferro, era de Mercúrio, expressando sua atividade incansável e sua sagacidade. O quinto, de cobre, era de Marte, demonstrativo da sua natureza instável e seu caráter desigual. O sexto, de prata, era da Lua e o sétimo, de ouro, do Sol. Esta ordem não é a ordenação real dos planetas, mas uma ordem misteriosa, como aquela dos dias a eles consagrados(46), que começava no sábado e retrogradava até o domingo. [...]

Vemos assim que existia uma íntima conexão entre a ciência sagrada dos Mistérios e a astronomia e física antigas. O grande espetáculo dos santuários nada mais era do que a ordem do universo conhecido, o próprio espetáculo da Natureza, envolvendo a alma do iniciado, do mesmo jeito que a envolvera quando ela desceu através dos portões celestiais

O sacrifício do touro de Mitras em placa de terracota no Museu do Vaticano. Os deuses Hélio e Selene aparecem no detalhe ao alto.



Nesta ilustração dos sete portões cósmicos, os personagens mitológicos foram tirados dos afrescos do palácio em Frederiksborg, Dinamarca.

e das portas solsticiais e equinociais, ao longo da Via Láctea, para ser pela primeira vez aprisionada pela matéria. Mas os Mistérios também representavam para o candidato, por símbolos sensíveis, as forças invisíveis que movem este Universo visível que mantém essa ordem maravilhosa que observamos.

Disto mais uma vez, nos informa Porfírio, de acordo com os antigos filósofos da antiguidade, não era meramente uma máquina material e mecânica. Uma grande Alma, difusa em toda parte, vivificava todos os membros do Universo; e uma Inteligência, igualmente grandiosa, dirigia todos os seus movimentos e mantinha a harmonia eterna que daí resultava. Assim, a Unidade do Universo, representada pelo ovo simbólico, continha duas unidades em si mesmo, a Alma e a Inteligência, que permeava todas as suas partes, e que eram para o Universo, considerado este como um ser animado e inteligente, o que a inteligência e a alma da vida são para a individualidade do homem.

Que a doutrina da Unidade de Deus, neste senso, foi ensinada por Orfeu, seu hino é a prova. Dele fragmentos são citados por Justino, Taciano, Clemente de Alexandria, Cirilo e Teodoret, enquanto que no todo é mencionado por Eusébio, citando Aristóbolo(47). A doutrina do *Logos* (palavra) ou o *Noos* (intelecto) era ensinada nos Mistérios; a encarnação, morte e ressurreição ou transfiguração; a união com a matéria, a divisão no mundo visível, que Ele permeia, seu retorno à Unidade original e toda a teoria relativa à origem da alma e seu destino.

O imperador Juliano explica os Mistérios de Átis e Cibele pelos mesmos princípios metafísicos. [...] Os Mistérios eram praticados como um meio de aperfeiçoar a alma, de fazê-la entender sua própria dignidade, de lembrá-la de sua nobre origem e imortalidade e, conseqüentemente,



10

de suas relações com o Universo e a Divindade. [...]

Assim, todo o sistema do Universo era mostrado em todas as suas partes aos olhos do iniciado. E a caverna que o representava era adornada com todos os atributos desse universo. [...]

Os Mistérios trabalhavam para lembrar ao homem sua origem divina e para mostrar-lhe os meios de para ela retornar. A grande ciência adquirida através dos Mistérios era o autoconhecimento, sua nobreza de origem, a grandeza de seu destino e sua superioridade sobre os animais, que jamais poderiam adquirir tal conhecimento, mas aos quais ele se assemelha enquanto não refletir sobre sua existência e sondar as profundezas de sua própria natureza. Ao fazê-lo e por isso sofrer a alma, pela prática da virtude, da piedade e das boas ações, finalmente estaria capacitada a ascender pelo caminho da Via Láctea, através do pórtico de Capricórnio e pelas sete esferas, aquele lugar de onde havia descendido. [...]

Os gregos fixaram 1423 a.C. como a data do começo dos Mistérios de Elêusis, durante o reinado de Erecteus de Atenas. De acordo com alguns autores, eles teriam sido instituídos pela própria deusa Ceres. De acordo com outro, por Monarco, que os trouxe do Egito. Diz outra tradição que Orfeu os introduziu na Grécia junto com os as cerimônias dionisiacas, as de Elêusis copiadas dos Mistérios de Ísis e as de Dionísio, dos de Osiris.

Não foi somente em Atenas que foram introduzidos o culto e os Mistérios de Isis, já metamorfoseada de Ceres. Também em Argos, Fócis, Arcádia, Acaia, Messínia, Corinto e em muitas outras partes da Grécia os Mistérios foram praticados, revelando sua origem egípcia e sempre com as mesmas características, se bem que, Pausânias nos informa, os de Elêusis, na Ática, eram tidos pelos gregos como muito superiores aos demais.

Similares eram os Mistérios de Bona Dea, a boa deusa, cujo nome, afirmam Cícero e Plutarco, não era permitido a homem algum conhecer. Estes Mistérios, praticados em

Roma desde os primórdios, eram praticados somente por mulheres, durante as *calendas*(48) de maio.

(continua)

Notas

(36) Ambrosius Theodosius Macrobius, gramático e filósofo neoplatônico romano, viveu no final do século IV e início do século V. Pike buscou informações em alguns dos seus textos, principalmente *Saturnalia*, que apresenta, segundo a *Wikipédia*, um grande variedade de discussões sobre história, mitologia, crítica e gramática.

(37) Dion Chrysostomos (40-112), filósofo grego que fez fama em Roma com seus discursos, de onde foi exilado pelo imperador Domitiano por motivos políticos durante 14 anos. Adotou um a vida de pobreza, ao estilo dos cínicos e dos estoicos. Dion dividiu com Plutarco o renascimento da literatura grega no século I.

(38) É possível que Pike refira-se aqui a Eusebius (c. 260–c. 341), famoso historiador da igreja católica.

(39) Maratona aqui refere-se à célebre batalha de 490 a.C., historiada por Heródoto, em que os gregos derrotaram os persas em sua primeira tentativa de invasão da Grécia. A prova esportiva denominada maratona homenageia Feidípides, famoso arauto grego que correu de Maratona a Atenas para anunciar a vitória. A primeira maratona dos tempos modernos, nas Olimpíadas de 1896, fazendo supostamente o mesmo trajeto, foi apropriadamente vencida por um grego, Spiros Louie.

(40) Para os gregos, quem não o fosse era bárbaro, mesmo a esplendorosa civilização persa.

(41) Adônis, na mitologia grega, foi um belo jovem amado por Afrodite, a deusa do amor, e morto por um javali, mas a quem foi permitido retornar ao mundo dos vivos por um período a cada ano para reencontrá-la. Era também adorado como um dos seus deuses da vegetação e associado a Tamuz, na Babilônia, e a Osiris, no Egito.

(42) Na mitologia greco-romana, a basilisca, chamada a rainha das serpentes, era um réptil de olhar e sopro mortais. Na cabeça tinha um a crista que lhe dava um a coroa. Segundo Thomas Bulfinch, "*supunha-se que eram produzidas quan-*

do o ovo de galinha era chocada por uma serpente ou rã".

(43) Eubulus (c. 405-c. 335 a. C.) foi um estadista grego, hábil financista, adversário de Demóstenes.

(44) Porfírio de Tiro (c.233-c.309), importante filósofo neoplatônico grego, tem grande importância na história filosofia (*Introdução às Categorias*) e na da matemática (*Vida de Pitágoras*). A tradução para o latim de sua *Introdução* foi o texto básico do ensino da lógica no mínimo por um milênio após sua morte, afirma a *Wikipédia*.

(45) Não se sabe muito sobre Celsus, nem se ele era grego ou romano, mas é certo que era contemporâneo do imperador Marco Aurélio, vivendo no século II A.D., portanto. Ele é principalmente conhecido por sua obra contra a doutrina cristã, intitulada *O Verdadeiro Mundo*.

(46) Os dias da semana em português seguiram a orientação numérica da Igreja, baseada no latim eclesiástico, e não são dedicados aos deuses, exceto o domingo (o dia do Senhor). Mas o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e muitas outras línguas, entre as quais os dialetos hindus, o tailandês, o japonês e o coreano, conservam as antigas tradições.

(47) São Justino foi um apologeta da doutrina cristã, martirizado no século II; Taciano foi um teólogo cristão, também do século II; Clemente de Alexandria ficou famoso ao unir a tradição filosófica com a doutrina cristã. São Cirilo era um homem culto, filósofo e teólogo, responsável com seu irmão Metódios por uma tradução do Novo Testamento e dos Salmos; Teodoro foi bispo, escritor e bispo do século V.

Aristóteles foi um filósofo judeu eclético que viveu no século II, que combinou os pensamentos pitagórico, platônico e estóico com as idéias judaicas.

(49) No antigo calendário romano, denominava-se *calendas* ao primeiro dia de cada mês quando ocorria a Lua nova. Segundo a *Wikipédia*, havia três dias fixos: as *calendas*, as *nonas* (quinto ou sétimo dia, de acordo com o mês) e *idos* (13º ou 15º dia, conforme o mês). Dos *idos* é que provém a expressão "nos idos de setembro" para expressar uma data para a segunda metade do mês.





Arturo de Hoyos, 33°

Reproduzido com permissão de The Plumblin, o boletim trimestral da Scottish Rite Research Society, nº4, primavera de 2007-07-12

Tradução de J.W. Kreutzer-Bach

A Circular aos dois hemisférios, emitida em 4 de dezembro de 1802, foi o primeiro documento a descrever, em ordem numérica, os rituais conferidos sob a autoridade do Supremo Conselho. Entretanto, observaremos que sua primitiva estrutura tanto omitia quanto agregava outros graus, comparando ao Rito Escocês que conhecemos hoje. Por exemplo, o "Príncipe do Real Segredo" constituía os três graus, do 30° ao 32°.

Também é importante observar que o Supremo Conselho somente exercia autoridade direta do Grau Dezesete ao Trinta e Três. Naquela época, os Maçons podiam receber os Graus do 4° ao 14° numa "Sublime Loja de Perfeição" independente, enquanto um "Grande Conselho de Príncipes de Jerusalém" conferia os Graus 15° e 16°. Alguns desses corpos foram constituídos sob a autoridade da Ordem do Real Se-

gre do antes da criação do Supremo Conselho; porém, de acordo com as Constituições de 1786, foi exigido desses Corpos inferiores que reconhecessem sua autoridade. O Supremo Conselho também criou Sublimes Grandes Lojas de Perfeição e Grandes Conselhos de Príncipes de Jerusalém que operavam autonomamente. A administração do sistema como um todo foi exercida apenas depois do renascer da Maçonaria americana por volta de 1842, depois do período da anti-Maçonaria que se seguiu ao caso Morgan(1), quando o Supremo Conselho reconstituiu a infraestrutura da Maçonaria dos Altos Graus.

Frederick Dalcho, o primeiro recipiendário do Grau 33°, foi também o primeiro Grande Secretário e o segundo Soberano Grande Comendador.

Os rituais de Dalcho

Nos primórdios do Rito Escocês, muitos dos rituais usados pelo Supremo Conselho foram traduzidos do francês por mãos diferentes. Um estudo da coleção de rituais de Frederic Dalcho demonstra que a maioria dos Graus do Rito Escocês tinha sido, no passado, parte da Ordem do Real Segredo, de Morin. As coleções dos Irm. Mitchell e Dalcho, na Jurisdição Sul, e as de John J. J. Courgas e Giles F. Yates, na Jurisdição Norte, revelam muitas diferenças de linguagem. Como um exemplo dos antigos rituais, o texto completo do Grau 4°, Mestre Secreto, da coleção de Dalcho, está reproduzido no Apêndice 3 do Scottish Rite Ritual Monitor and Guide (Guia e Monitor do Ritual do Rito Escocês).

A origem de cada um dos "novos" Graus pode não ser conhecida; porém, diversos deles existiram em uma forma rudimentar na França. Por exemplo, o Grande Comendador do Templo, mais tarde o Grau 27 do Rito Escocês, era anteriormente um Grau à parte (independente) e foi conferido por Louis Claude Henri de Montmain em Charleston, na Carolina do Sul, de 1798 a 1802. O Irm. de Montmain o conferiu ao conde Alexandre Françoise Auguste de Grasse em 1801 e provavelmente o introduziu no sistema do Supremo Conselho. Outros Graus vieram anos depois; por exemplo, o Grau 31°, Grande Inspetor Inquisidor, não foi introduzido senão depois de 1804.



12

A correspondência mais antiga do Grande Comendador Moses Holbrook revela que não havia nenhuma versão "oficial" dos rituais do Rito Escocês em seus primórdios. Também somos informados de que houve algumas revisões nos textos dos rituais, principalmente entre 1821-1825, embora trabalhos posteriores tenham cessado devido a um incidente antimaçônico.

Em 1823, Joseph M'Cosh, um membro do Supremo Conselho, publicou uma revisão da série dos Graus em seu livro, *Documents Upon Sublime Freemasonry* (Documentos acerca da Franco-Maçonaria Sublime). Por ele sabemos que os últimos Graus no Rito tinham passado a ser 29º, Knight of St. Andrew (Cavaleiro de Santo André); 30º K-H, Knight Kadosh (Cavaleiro Kadosh); 31º, Grand Inquiring Commander (Grande Inspetor Inquisidor); 32º, Sublime Prince of the Royal Secret, Princes of Masons (Sublime Príncipe do Real Segredo, Príncipes de Maçons); e 33º Sovereign Grand Inspectors General (Soberano Grande Inspetor Geral). A seqüência, entretanto, não parecia ter sido completamente estabelecida, porque ambas as coleções desses primitivos rituais e uma carta de Moses Holbrook, datada de 1827, referiam-se ao Cavaleiro Kadosh como o 29º ou 30º Grau do Rito.

Naquele estágio inicial, os Graus eram talvez mais "comunicados" do que "conferidos". Por comunicação entende-se que um oficial do Rito, com um mínimo de drama, lê em voz alta ou sumariza o ritual e a instrução do Grau ao iniciado, administra os juramentos e transmite sinais e palavras. Quando o Grau é conferido, por outro lado, o iniciado participa ativamente de uma cerimônia, durante a qual outros participantes ocupam postos para encenar o conteúdo dramático descrito no texto do ritual.

À medida que o movimento antimaçônico(1) perdeu força por volta do final da década de 1840, reacendeu-se o interesse na Fraternidade. Acompanhando essa tendência, o Supremo Conselho recomeçou suas atividades públicas e lançou o Manifesto de 1845. Este documento re-

Albert Galatin Mackey, muito conhecido dos Maçons brasileiros de qualquer Rito por causa dos seus 25 landmarques.

lembrou resumidamente a legitimidade do Rito Escocês e reimprimiu a mesma listagem de Graus da Circular de 1802. A republicação desta antiga lista, o que pode sugerir que, durante o período de reconstrução (1845-55), os Graus eram comunicados e não conferidos.

A Magnum Opus de Albert Pike, 1857

Em seqüência ao "renascimento" do Rito Escocês, oficiais das duas jurisdições tentaram produzir revisões, mas nenhuma pode comparar-se às contribuições de Albert Pike.

Pike entrou para o Rito Escocês em março de 1853, recebeu os Graus de Albert Mackey(2), então Secretário Geral do Supremo Conselho 33º, Jurisdição Sul. Iniciado na Maçonaria em 1850, Pike foi membro da Loja Western Star Nº 1, de Little Rock, Arkansas. Dois anos depois, acompanhado de outros Irmãos, obteve uma carta para fundar a Loja Magnólia 060, a qual presidiu como Venerável em 1854/55. Pike também recebeu os Graus Capitulares(3) em 1850, os Graus Cripticos em 1852 e o Grau de cavaleiro Templário em 1853.

Por dois anos Mackey emprestou uma parte substancial de sua coleção de rituais manuscritos a Pike, que os transcreveu e encadernou num grande volume que hoje encontra-se nos arquivos do Supremo Conselho 33º, Jurisdição Sul. Intitulado "Fórmulas e Rituais transcritos por Albert Pike em 1854 e 1855", ele preserva uma porção significativa da coleção de rituais do Supremo Conselho tal como eram ao tempo em que ele recebeu os Graus. Mackey posteriormente remeteu este e outros rituais manuscritos a um oficial do Supremo Conselho 33º, Jurisdição Norte, porém



– infelizmente – os rituais nunca foram devolvidos.

Em sua maior parte, os rituais primitivos do Rito Escocês estudados por Pike eram similares aqueles que pertenciam a Mitchell e Dalcho, versões ligeiramente modificadas dos rituais franceses escritos ao fim do século dezoito. Outros foram revisados pelo Supremo Conselho entre 1821 e 1825.

Muitos dos rituais pareceram primitivos – até mesmo ingênuos – para Pike, que acreditava ter sido seu verdadeiro significado perdido ao longo do tempo. O estudo feito por Pike destes rituais ajudou-o a preparar-se para sua nomeação, em março de 1855, para um comitê do Supremo Conselho, encarregada de revisar todos os rituais do Rito Escocês. Como um Maçom do Grau 32º, ele estava abaixo dos outros membros do comitê, porém, como era seu hábito, ele mergulhou fundo no seu trabalho. Aliás, ele foi o único membro do comitê a apresentar qualquer resultado. Acontece que suas qualificações pessoais estendiam-se para além de sua familiaridade com o ritual maçônico. Ele era um grande estudioso de religiões comparadas, mitologia e filosofia, muito bem versado em ciências naturais e história. Em suas revisões, Pike procurou recobrar e restaurar as verdades éticas e filosóficas que ele acreditava ser a intenção



13



Albert Pike, mais do que qualquer outro, foi o responsável pela reestruturação do sistema e racionalização da liturgia dos Graus.

lógico de Pike, o *Book of the Words* (Livro das Palavras)(7).

As revisões posteriores de Pike. 1861-84

Em seguida ao seu trabalho com Ladébat, e como Pike assumiu outros projetos do Rito Escocês, o Supremo Conselho reconheceu nele um líder eficiente e um trabalhador incansável, elegendo-o Soberano Grande Comendador em 1859, uma posição que ele deteria até sua morte, em 1891. Entre 1861 e 1884, ele continuou a revisar os rituais do Rito Escocês na Jurisdição Sul, produzindo-os como um conjunto de numerosos volumes. Durante o processo de revisão, ele continuou os estudos maçônicos em todos os seus aspectos. Suas sucessivas revisões dos rituais revelam seu crescente entendimento da filosofia e do simbolismo maçônicos:

dos criadores dos graus ensinar. Diversos graus, então embrionários, só no esqueleto, foram enxertados para que pudessem ser trabalhados. Os dramas escritos por Pike ensinaram as lições e evidenciaram as verdades que ele julgava ser o reflexo da intenção original.

Em 1857, Pike completou sua primeira revisão do 4º ao 32º, que ele então fez imprimir uma edição de 100 cópias. Pelas quais pagou 1.200 dólares do seu próprio bolso, cerca de 21,150 dólares ao preço de hoje. Esta primeira impressão – originalmente sem título, mas apelidada de *Magnum Opus* (Obra Magna) por Mackley – foi um passo monumental para o Rito Escocês. Embora não atendesse às necessidades do Supremo Conselho e nunca tivesse sido adotado como o ritual oficial, tornou-se a base para as revisões subsequentes, não apenas para os rituais da Jurisdição Sul, mas para muitos Supremos Conselhos. Um estudo dos rituais pós-1857 na Jurisdição Norte, por exemplo, revela sua dependência do trabalho de Pike. Mesmo hoje, muito de Pike permanece nos rituais do Rito Escocês no mundo inteiro.



14

Charles Laffon de Ladébat

No mesmo ano em que Pike foi nomeado para o comitê de revisão, o Supremo Conselho 33º, Jurisdição

Sul, assinou uma Concordata com um Corpo conhecido como Supremo Conselho da Louisiana. Esta organização, sediada em Nova Orleans, vinha de longe contestando os dois Supremos Conselhos americanos autênticos. O grupo de Nova Orleans, reconhecendo sua origem duvidosa, voluntariamente dissolveu-se e seus membros transferiram-se para o Supremo Conselho 33º, Jurisdição Sul.

Um dos líderes desse grupo, o Il. Charles Laffon de Ladébat, 33º, tornou-se amigo, companheiro de trabalho e confidente de Pike. De fato, de Ladébat(4) não apenas conferiu o Grau 33º a Pike, mas renunciou sua posição como Deputado do Supremo Conselho em favor de Pike. Os dois se correspondiam a respeito de todos os assuntos do Rito e Ladébat não hesitava em demonstrar seu desgosto com algumas das revisões de Pike. O próprio Ladébat fez imprimir revisões dos Graus 13º e 15º, que incluíam, respectivamente, sinopse do 4º ao 17º e do 19º ao 29º, juntamente com os modos de reconhecimento. Mais tarde, Pike e de Ladébat colaboraram e revisaram os Graus 31º e 32º(5). Em 1859, Ladébat emprestou a Pike a única cópia conhecida de um valioso manuscrito de François H. Stanislaus Delauney, o *Thuilleur Universel*, ou *Manuel du Franc-maçon* (Cobridor Universal ou manual do Franco-Maçom), um trabalho de mais de 400 páginas com os alfabetos esotéricos, sinais, toques e palavras de numerosos Ritos maçônicos(6). Pike também possuía o famoso *Thuilleur des trente-trois degrés de l'écossisme du rit Ancien, dit Accepté* (Cobridor dos trinta e três graus do escocismo do rito Antigo, dito Aceito, 1813, 1821), que era um trabalho similar sobre o Rito Escocês. Estes livros exploram as possíveis raízes das muitas obscuras, mas significativas, palavras nos Graus e serviriam de inspiração ao próprio estudo etimo-

Graus 1º ao 3º
revisados em 1872;

Graus 4º ao 14º
revisados em 1861, 1870 e 1883;

Graus 15º e 16º
revisados em 1861, 1870 e 1882;

Graus 17º e 18º
revisados em 1861 e 1870;

Graus 19º ao 30º
revisados em 1867 e 1884;

Graus 31º e 32º
revisados em 1867, 1879 e 1883;

Grau 33º
revisado em 1857, 1867, 1868 e 1880, só manuscritos.

Algumas das revisões fora, influenciadas pelo trabalho de Ladébat, como aconteceu com a revisão de 1861 para o Grau 18º, que é em sua maior parte uma combinação do *Magnum Opus* com a versão Ladébat de 1856.

Os rituais de Pike eram preparados com grandes lacunas para serem preenchidas com volumes separados. Ele preparou um livro de "trabalhos secretos" para cada um dos seus rituais impressos, que era guardado pelo Secretário do Vale.

Ele também preparou um *Legenda and Readings* (Lendas e Leituras) para alguns Graus. Estes trabalhos posteriores incluíam instruções tidas como extensas demais para serem lidas durante as iniciações, mas disponíveis para serem adquiridas pelos membros. Tudo o que é relevante do *Legenda and Readings* está incluído no novo *Monitor*.

As revisões de Hugo, 1889-1919

Começando com a sessão do Supremo Conselho de 1889, foi feita uma tentativa de correção dos erros de impressão e de introdução de pequenas melhorias nos rituais. De acordo com as Atas do Supremo Conselho:

"Para consecução deste objetivo, o comitê requisitou ao Ir.: T. W. Hugo, Inspetor Geral Honorário, que examinasse, revisasse e corrigisse os

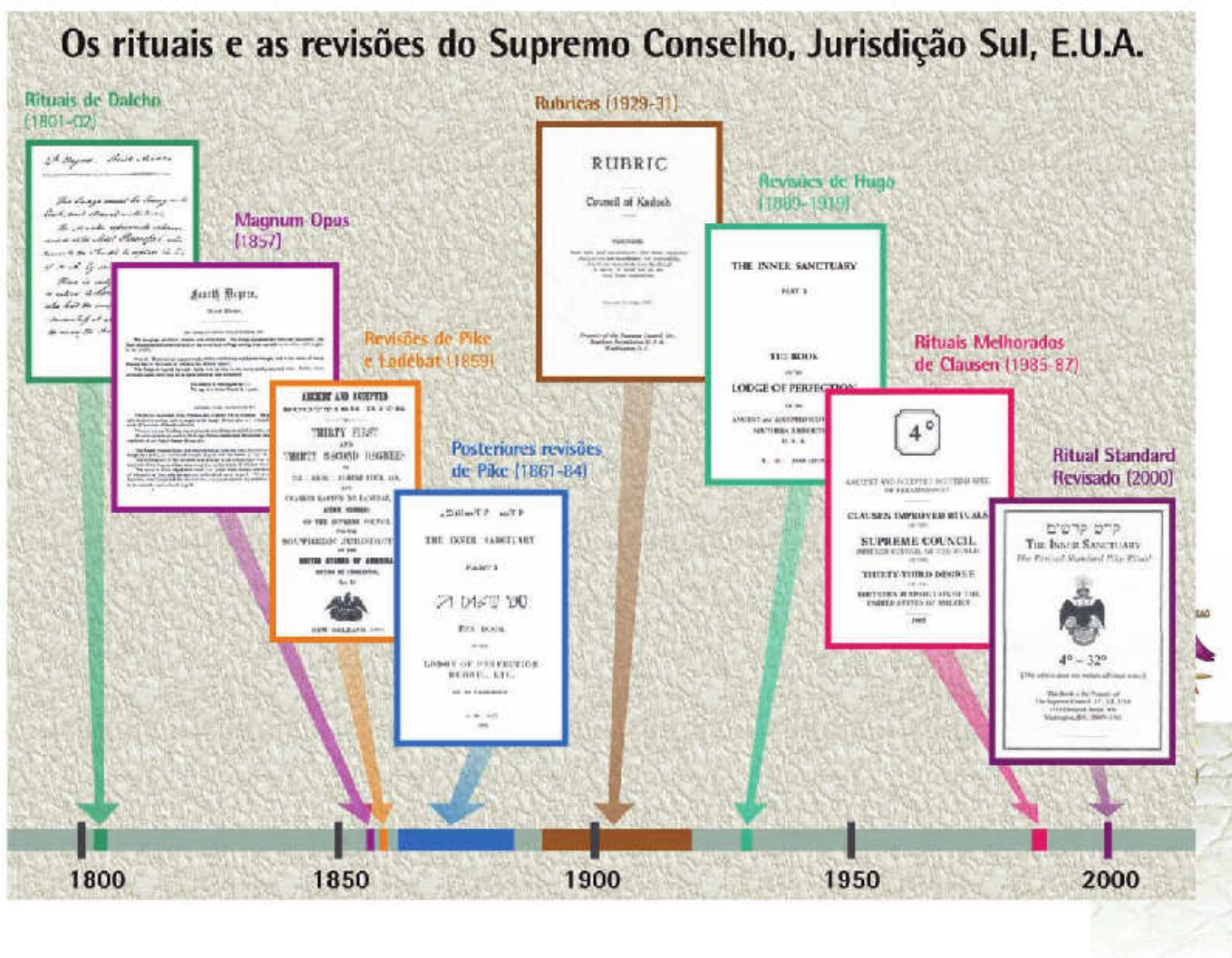
rituais, comunicando o resultado do seu trabalho. O Ir.: Hugo recebeu os rituais e respectivos trabalhos secretos, de acordo com os planos descritos acima, e imediatamente pôs mãos à obra para executar sua parte nos trabalhos do comitê. Ele terminou suas correções, emendas e revisão de todos os Graus e transmitiu seu trabalho ao Grande Comendador."

Este projeto parece ter recebido apenas atenção esporádica. Em 1919 dois volumes apareceram, o primeiro cobrindo do 4º ao 14º e o segundo do 15º ao 18º Graus. A edição revista impressa não incluiu ilustrações, diagramas ou qualquer texto em língua estrangeira, tornando-a inviável.

As "interpolações" ou rubricas de 1929-31

Desde a adoção dos rituais de Pike, a Jurisdição Sul tem enfatizado sua opinião de que eles são os melhores de todos os rituais de qualquer Supremo Conselho. Embora hesitante em permitir a interpolação de material estranho no ritual, a Jurisdição Sul abordou o assunto em 1929. Em sua Alocução, o Soberano Comendador propôs "que se preparasse e imprimisse, com as necessárias precauções quanto ao segredo e da forma conveniente, as interpolações com as quais se esteja de acordo; e então exigir de nossos corpos que se conformem aos nossos rituais, com permissão para o uso das interpolações adotadas se eles assim o desejarem, mas não indo além delas".

Na sessão seguinte, em outubro de 1931, as "interpolações", agora conhecidas como Rubricas, foram



apresentadas e adotadas como opcionais, com a recomendação estrita de que nenhum outro acréscimo fosse introduzido. As Rubricas foram impressas em quatro pequenos livros, um para cada dos Corpos. Com o intuito de economizar tempo nas reuniões, o Supremo Conselho adotou a atitude de permitir que partes fossem omitidas dos rituais oficiais, mas que nada novo poderia ser acrescentado. Apesar desta proibição, muitos Vales do Rito Escocês produziram suas próprias modificações do ritual. As Rubricas continuaram a ser incluídas nos rituais oficiais até o ano de 2000.

Os rituais melhorados de Clausen, 1985-87

Com o objetivo de modernizar a linguagem, eliminar as repetições e ajudar a memorização, o Soberano grande Comendador Henry C. Clausen supervisionou a revisão de 29 Graus. Desenvolvido e inicialmente testado em Lohg Beach, na Califórnia, estes passaram a ser conhecidos como Clausen Improved Rituals (Rituais Melhorados de Clausen). Embora relatórios iniciais falassem tanto de um aumento na assiduidade dos membros e no número de petições para fazer os Graus, dois anos depois foi relatado que "os Orientes não encontram nenhuma explosão de entusiasmo pelos novos rituais". Embora os Rituais Melho-

rados de Clausen tenham sido recolhidos, os relatórios continuavam a sugerir que alguns refinamentos e modernizações no Rito Escocês seriam benéficos. É preciso observar que os rituais de Clausen não foram adotados como oficiais no Supremo Conselho, mas sim lançados como um experimento, concorrendo com os rituais oficiais.

O Ritual Padronizado das Revisões de Pike, 2000

As revisões de Albert Pike para os Graus do Rito Escocês foram feitas numa era muito diferente da de hoje. O estilo vitoriano de Pike parece demasiadamente elaborado aos leitores modernos. Aqueles incapazes de seguir a linha de pensamentos de Pike lamentam que as lições – originariamente para difundir a Luz Maçônica –, ao contrário, obscureceram-na. Nos dias de Pike, o currículo educacional permitia que os Candidatos entendessem as referências latinas, gregas e hebraicas dos seus escritos, bem como apreciassem os dilemas filosóficos por ele apresentados. A grande maioria dos Candidatos modernos nem aprecia nem entende essas complexidades. Por causa dessas dificuldades, alguns Vales indiscriminadamente cortaram partes dos rituais. Em consequência, os Graus resultantes ficaram frequentemente mal estruturados e confusos.

Por estas e outras razões, o Supremo Conselho resolveu, em 1995, produzir uma revisão padronizada dos rituais revisados por Pike. Os critérios para tal revisão incluíam o seguinte:

- a. Preservação do conteúdo dos rituais de Pike;
- b. Retenção das validades histórica e ritualística;
- c. Eliminação das passagens repetitivas;
- d. Clareza de significado e propósitos;
- e. Aumento do impacto dramático;
- f. Facilidade de encenação;
- g. Simplicidade eloquente na estrutura das frases e na dicção;
- h. Preservação da continuidade e da cronologia dos Graus;
- i. Transição lógica de um Grau para outro;
- j. Preservação da integridade formal dos rituais.

Para assistir o Comitê de Rituais neste projeto, o Supremo Conselho solicitou a ajuda do Il. Ir.: Rex R. Hutchens, 33º, G.:C.: (8), um laureado estudioso do Rito Escocês e autor de livros de referência sobre o

"Fórmulas e Rituais", transcrição de Albert Pike em 1854 e 1855, um dos tesouros dos arquivos do Supremo Conselho-Mãe.



16





Painel do Grau 25

R.: E.: A.: A.:, como Bridge to Light (Ponte para a Luz), Glossário of Moral and Dogma (Glossário de Moral e Dogma) e The Bible in Albert Pike's Moral and Dogma (A Bíblia no Moral e Dogma de Pike). Uma equipe de pesquisadores, constituída de Irmãos qualificados, agindo sob a direção do Supremo Conselho, deu assistência na revisão. Logo que este trabalho foi começado, tornou-se evidente que, para que houvesse consistência nos temas e na cronologia, pequenas modificações teriam que ser feitas. Em alguns casos, isto obrigava a mudança de conteúdo de um Grau para outro. Mais ainda, para assegurar uma progressão lógica, dois Graus (o 27º e o 28º) foram invertidos. De longe, os rituais que sofreram as maiores revisões foram o 25º, Cavaleiro da Serpente de Bronze, e o 27º, Cavaleiro do Sol. A versão de Pike do Grau de Cavaleiro da Serpente de Bronze considerava que os drusos representavam a tradição mística do Islã, quando, na verdade, a tradição Sufi (que tem pontos comuns com a Maçonaria) seria mais apropriada. Isto obrigou virtualmente a uma completa revisão. O Grau de Cavaleiro do Sol revisado apresenta uma lição na natureza do simbolismo e ensina ao Candidato como os símbolos funcionam e como utilizá-los.

Um benefício da presente revisão é que a maioria dos Graus pode ser

conferida em uma hora. Isto permitirá aos Vales conferir a maioria, senão todos, os Graus em uma reunião de fim de semana. E também significa que mais Candidatos se beneficiarão da participação pessoal como candidatos escolhidos.

Esta nova revisão também introduz, pela primeira vez, slides e transparências padronizadas, bem como anotações sobre música, encenação e atuação. Linhas numeradas, ilustrações coloridas e sumários das lições também

ajudam a compreensão. O objetivo do *Revised Standard Ritual* é prover um texto trabalhável, consistente com a rica tradição ritualística da Jurisdição Sul, para conduzir o Rito Escocês através do século vinte e um.

Ao final do artigo, *The Plumblin*e declara que este ensaio foi extraído, com permissão, do *Scottish Rite Ritual Monitor and Guide*, do Il.: Arturo de Hoyos, 33º, acrescentando que está disponível desde maio de 2007, sendo considerado como o guia oficial dos rituais de iniciação do Rito Escocês publicados em mais de 100 anos.

Notas

(1) Em setembro de 1826, William Morgan desapareceu de sua cidade em Nova York. Ele gabara-se de sua intenção de publicar uma inconfidência do ritual maçônico. Presumiu-se que ele tivesse sido assassinado pelos Maçons. A onda de hostilidade política e religiosa prejudicou a Fraternidade por cerca de dezesseis anos. Veja John C. Palmer, *The Morgan Affair and Anti-Masonry*, in Little mMasonic Library, Macoy, 1977; ou *O Caso Morgan*, in *Engenho & Arte* nº 15, 2005.

(2) Albert Gallatin Mackey (1807-1881), Secretário Geral do Supremo Conselho 33º, Jurisdição Sul, é o mesmo dos célebres 25 Landmarks, tão conhecidos dos Maçons brasileiros. Escritor extremamente prolífico (nem sempre muito exato), Mackey

era um Maçon ativíssimo, um dos grandes responsáveis pelo crescimento da Ordem nos Estados Unidos. Tão ativo que, além dos seus livros, numa mesma época chegou a ocupar cinco posições muito importantes: Grande Secretário da Grande Loja da Carolina do Sul (Simbolismo), Grande Secretário Geral do Supremo Conselho (Rito Escocês), Grande Sumo Sacerdote da Cardina do Sul (Real Arco), Grande Sumo Sacerdote Geral dos Estados Unidos (Real Arco) e Grande Mestre dos Mestres Reais e Escdhidos da Carolina do Sul (Graus Cripticos)! (NT)

(3) Os Graus Capitulares que se refere o autor são os quatro Graus do Real Arco americano, parte do sistema conhecido como Rito de York.

(4) Charles Laffon-Ladébat, *Ancient and Accepted Scottish Rite, Eighteenth Degree*, (New Orleans: [La.] 1856); (4) Charles Laffon-Ladébat, *Ancient and Accepted Scottish Rite, Thirtieth Degree*, (New Orleans: [La.] 1856).

(5) Albert Pike e Charles Laffon de Ladébat, *Ancient and Accepted Scottish Rite, Thirty First and Thirty Second Degrees*, (New Orleans: [La.] 1856).

(6) O manuscrito está agora nos Arquivos do Supremo Conselho, 33º, Jurisdição Sul. Consta em uma nota, colada na frente "Este livro pertenceu ao Ir.: Charles Laffon de Ladébat. Ele me emprestou em 1859. Durante a Guerra (aquí ele se refere à Guerra de Secessão) e por mais algum tempo, não pude devolvê-lo; ele então mudou-se para a França e faleceu lá. Eu o deposito na Biblioteca para que fique a salvo. Albert Pike, 33º, Gr.: Com.:, 5 de julho de 1881".

(7) Albert Pike, *The Book of Words: Sephir H' Debarim*. A facsimile of the 1879 second edition. With an introduction by Art de Hoyos (Washington, D.C., Scottish Rite Research Society, 1999).

(8) G.:C.: significa *Grand Cross* (Grande Cruz), a mais alta honraria do Supremo Conselho 33º, Jurisdição Sul. Poucos a possuem, porque, a qualquer época existem apenas cerca de cinquenta *Grand Crosses*.



17



SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33 DO R. E. A. A. DA MAÇONARIA PARA A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

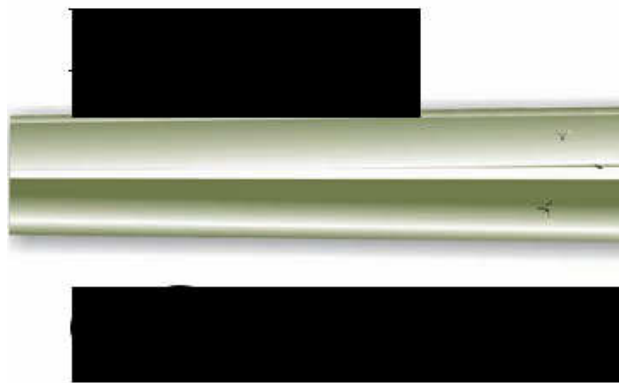
Membros Eméritos de Honra

Henry C. Clausen, 33 † (E.U.A.), 30/5/75
Carlos Alberto R. Roza, 33 † (Colômbia), 3/5/75
José Royuela Albo, 33 (Bolívia), 11/11/79
Walter H. Mortlock, 33 (Canadá), 11/11/79
Raoul L. Mattei, 33 † (França), 11/11/79
Mahmoud Houman, 33 † (Irã), 11/11/79
Fausto Bruni, 33 (Itália), 11/11/79
Alejandro Garcia Bastos, 33 (México), 11/11/79
Rogelio M. Téran, 33 (Panamá), 11/11/79
Stanley F. Maxwell, 33 † (E.U.A.), 11/11/79
Richard A. Kern, 33 † (E.U.A.), 11/11/79
Geroge Newbury, 33 † (E.U.A.), 11/11/79
Julian Calvo, 33 † (Espanha), 11/11/79
Kurt Hendrikson, 33 (Alemanha), 19/11/79
Luis A. Hourcade, 33 † (Argentina), 19/11/79
Franz Simecek, 33 (Austria), 19/11/79
Raoul Bertheaux, 33 † (Bélgica), 19/11/79
Ignácio González Ginouvés, 33 (Chile), 19/11/79
Juan José Soto Aguilar, 33 (Costa Rica), 19/11/79
Ricardo Mestre Llano, 33 (Cuba), 19/11/79
Rodolfo Glaser, 33, (El Salvador), 19/11/79
Bruno Sadum M., 33 (Equador), 19/11/79
Raymond E. Wilmarth, 33 (Filipinas), 19/11/79
Demeter Tsiros, 33 † (Grécia), 19/11/79
José M. Moscoso Espeno, 33 (Guatemala), 19/11/79
B. J. D. Alberts, 33 (Holanda), 19/11/79
Cristobal Prates, 33 (Honduras), 19/11/79
Abraham Fellman, 33 (Israel), 19/11/79
Tony Wehenkel, 33 (Luxemburgo), 19/11/79
Ernesto Wisnesner K., 33 (Nicarágua), 19/11/79
Juan Plate, 33 † (Paraguai), 19/11/79
Cesar Ruiz Reategui, 33 (Peru), 19/11/79
Luis A. Brower Castillo, 33 † (Rep. Dom.), 19/11/79
Kurt Raschle, 33 (Suíça), 19/11/79
Mukbil A Gokdokan, 33 (Turquia), 19/11/79
Milton Galmes Rayes, 33 (Uruguai), 19/11/79
Miguel A. Tejada R., 33 (Venezuela), 19/11/79
C. Fred Kleinknecht, 33 (E.U.A.), 17/9/87
Francis G. Paul, 33 † (E.U.A.), 17/9/88
Gordon L. Bennett, 33 (Canadá), 11/8/90
Agustin Arriaga Rivera, 33 (México), 14/9/92
Sahir Erman, 33 (Turquia), 28/4/92
Antonios Loizos, 33 (Grécia), 28/4/92
Gabriel Jesus Marin, 33 (Argentina), 27/6/97
Henri L. Baranger, 33 (França), 27/6/97
Robert O. Ralston, 33 (E.U.A.), 27/5/99
Leopold Troethann, 33, (Áustria), 25/1/01

Lutfallah Hay, 33 (Irã no Exílio), 25/1/01
Faruk Erengul, 33 (Turquia), 2/2/01
Suha Umur, 33 (Turquia), 2/2/01
Julian Gascon Mercado, 33 (México), 2/2/01
Georgios Halkiotis, 33 (Grécia), 2/2/01
Diego Rodriguez Mariño, 33 (Uruguai), 11/10/01
Domingo Vega de Armas, 33 (Venezuela), 11/10/01
Floreale Toledo Vilarin, 33 (Chile), 11/10/01
Roberto Auchén Homsi, 33 (Bolívia), 11/10/01
Alberto M. Lacacy y Pérez-Cossio, 33 † (Espanha), 2/5/03
Ramiro Arteta Guzmán, 33 (Colômbia), 11/10/01
Roberto H. Neumarkt, 33 (Argentina), 11/10/01
Carlos Reyes Geenzier, 33 (Panamá), 16/8/03
Norman Edward Byrne, 33 † (Canadá), 16/8/03
John V. Lawer, 33 (Canadá), 16/8/03
José Maria Florêncio Jr., 33 (Polónia), 27/2/03
Diego Bertolucci, 33 (Paraguai), 27/2/03
Manuel E. Contreras Villalba, 33 (Bolívia), 4/3/03
Mauro Milanese, 33 (África do Sul), 16/8/03
Cesar Anibal Garcia, 33 (Rep. Dominicana), 13/2/03
Sydney R. Baxter, 33 (E.U.A.), 13/02/03
Jorge Anibal Goldenberg, 33 (Paraguai), 4/11/03
Walter E. Webber, 33 † (E.U.A.), 31/8/04
Jack Ball, 33 (Austrália), 20/5/2005
Friedrich Wilhelm Schmidt, 33 (Alemanha), 15/9/05
Isaac Schuster Smith, 33 (Colômbia), 18/2/06
Corrado Balacco Gabrieli, 33 (Itália), 15/5/07
John William McNaughton, 33 (EUA), 21/8/07

Membros Eméritos

Onéas D'Assunção, 33, 10/8/72
Nivaldo Ribeiro Coimbra, 33, 7/2/73
Raimundo José de Oliveira, 33, 7/4/76
Elimar Baumgarten, 33 †, 30/11/77
Rizzardo V. G. A. da Camino, 33, 12/3/88
Antonio O. Gurgel do Amaral, 33, 12/8/89
Ailton Elisiário de Souza, 33, 2/5/91
James Gilson Berlim, 33, 23/4/93
Alberto Pontes Garcia, 33, 23/4/93
José Ribamar L. de Oliveira, 33, 7/7/93
Ersio Antônio Ferreira Gomes, 33, 22/6/99
José Soares Filho, 33, 28/6/03
Airton Nascimento Câmara, 33 †, 21/9/04
Adolpho Porta, 33, 21/9/04
Francisco de Assis Alves Cascaes, 33, 21/9/04
Rui Silvio Stragliotto, 33, 30/11/05
Orlando Marinho da Silva, 33, 30/11/05
Lyrio Bravim, 33, 30/9/06



João Guilherme C. Ribeiro, MRA



Um Sistema, um Código

Por sua vez, "o feudo era terra de um senhor confiada a seu vassalo em troca de serviços meritórios, os quais incluíam serviços militares, ajuda e conselhos. [...] O relacionamento era criado por uma desenvolvimento e elevada forma de encomendação germânica antiga, pela qual um homem livre se submetia a outro por um ato de homenagem (as mãos juntas colocadas entre as do senhor), confirmado por um juramento sagrado de fidelidade e vassalagem e usualmente acompanhado pela outorga de um feudo.

A cerimônia e o vínculo eram solenes, pois eram laços de sociedade em seus níveis superiores e politicamente conscientes". (28)

Como a civilização romana desaparecera, alguma outra estrutura social tinha que ocupar o seu lugar. "Vemos assim que, muito antes do aparecimento do cavaleiro, propriamente dito, havia uma tradição antiga de uma elite guerreira, cuja idéia de conduta honrada estava amarrada a nobres qualidades, como coragem e destreza, fundadas na absoluta lealdade e devoção pessoal a seu líder. Estes foram degraus importantes para o senso de identidade do cavaleiro, individualmente e como membro de um grupo in-

ternacional, todos imanados pelo mesmo e espírito." (29)

Neste cenário, um novo fator iria alterar consideravelmente as táticas de guerra.

O uso do cavalo na guerra vem da antiguidade. Na Idade Média, apareceria a cavalaria pesada – cavaleiros protegidos por malha de ferro, armadura e escudo, montados em enormes cavalos. Firmemente seguros na sela reforçada, apoiados nos estribos, transferiam à lança em riste um enorme poder de choque: junte mais de meia tonelada do cavalo, mais uns 120 kg do cavaleiro com armadura, tudo isso galopando a toda brida, multiplique por uns 400 cavaleiros e imagine se dá para ficar na frente!

"A técnica da carga com a lança segura sob o braço direito, apertada ao corpo, foi uma evolução revolucionária e tornou-se a técnica padrão da cavalaria medieval."

O custo do equipamento, porém, e a necessidade de constante adestramento restringiriam seu uso aos nobres, consolidando, junto com o código de conduta, o comportamento medieval.

Enquanto isso, no Oriente Médio, acontecia um fenômeno que teria

profunda influência na civilização ocidental.

Só Allah é Deus

O Islã, submissão à vontade de Deus, é a mais recente das três grandes religiões que têm Jerusalém como sagrada. Desde a Hjira (Hégira, fuga de Maomé para Medina), em 622 A.D., marco inicial do calendário islâmico, os árabes veneravam a cidade, Bait al-Maqdis para eles, e a tomaram em 637. (30)

A Rocha, local sagrado na tradição judaico-cristã, onde Abraão foi impedido pelo anjo de sacrificar seu filho Isaac, também marca o lugar em que o Profeta lançou-se aos céus. Sobre ela, onde a tradição hebraica coloca o Templo de Salomão, o Califa de Damasco, 'Umar, fez construir uma mesquita, no ano de 691 (ano de 72 para os árabes), conhecida como o Domo da Rocha, ou a Cúpula da Rocha.

A fé muçulmana fundiu povos das mais variadas etnias num único idioma, o árabe. E estabeleceu um estado teocrático, voltado para a conquista. Em menos de um século, tinham tomado todo o Norte da África (incluindo o Egito), a Arábia, a Pérsia e a maior parte da Península Ibérica. Mas, justiça seja feita, os árabes fizeram uma civilização brilhante, culta, cortês e tolerante, on-





Kubbet el-Sakhara, o Domo da Rocha, deriva seu nome de um enorme bloco de calcário que fica ao centro da mesquita. Ergue-se sobre o Monte Moriah, construída pelo califa omíada Abd el-Malik, de 688 a 691 A.D., exatamente sobre o ponto onde Deus teria impedido Moisés de sacrificar seu filho e onde Maomé teria subido aos céus.

de, quas e sempre, povos de diversas religiões conviveram em pax.

Entretanto, os turcos seljúcidas (Saljuq), uma tribo de origem mongólica, vieram pelas estepes da Ásia Central, converteram-se ao Islã e expulsaram os bizantinos da península de Anatólia. Ocuparam a Síria e Jerusalém em 1071, tomando-a dos Califas Fatimidas, dinastia xiita(31) que governava o Egito. De-

ram novo ímpeto à expansão islâmica, amedrontando os europeus.

Entretanto, começaram a chegar rumores no Ocidente de que os peregrinos cristãos estavam sendo perseguidos pelos turcos, coisa que os árabes não tinham feito. A peregrinação religiosa, sem armas, era vista como de alto mérito e um direito sagrado.

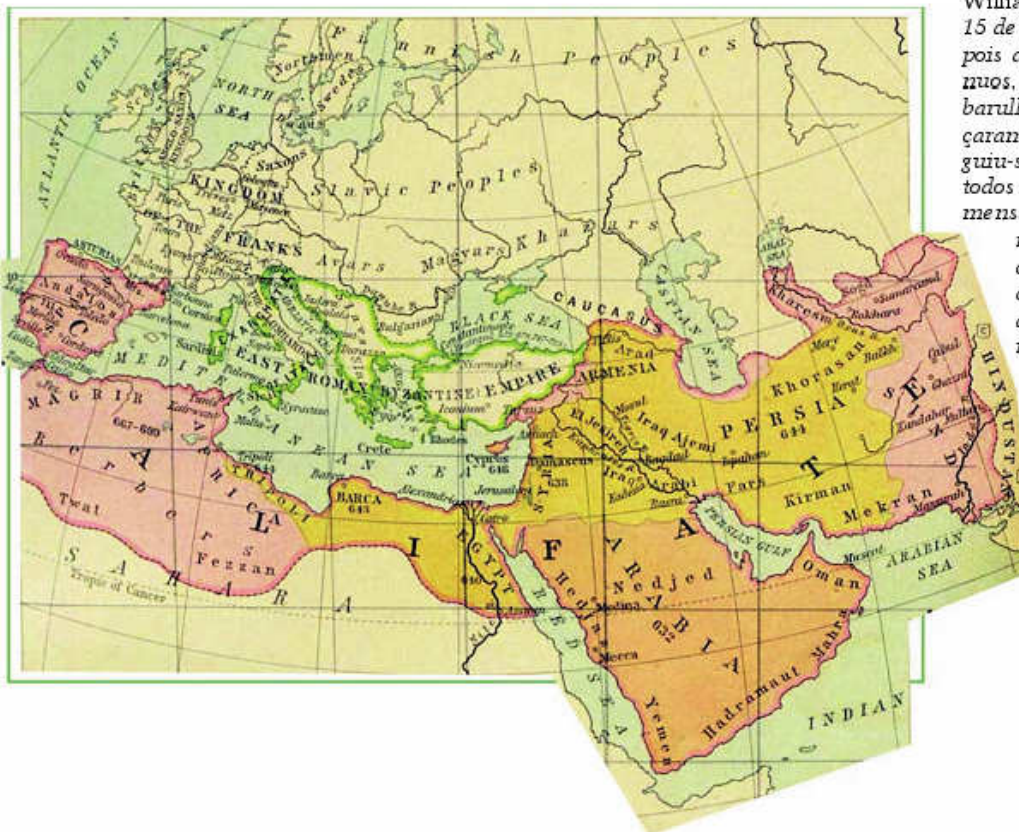
A oratória brilhante do Papa Urbano II inflamou a Europa ocidental no Concílio de Clermont, em 1095, e levou à Primeira Cruzada. Dois eram os argumentos que justificavam as Cruzadas: "a recuperação da herança de Cristo (Jerusalém e a Terra Santa à sua volta) e a defesa de irmãos cristãos no Leste contra o avanço muçulmano". (32)

A guerra santa contra os infiéis passou a ser vista como justificada e necessária. Lutar pela fé tinha-se tornado parte do código do cavaleiro. "Assim, as duas grandes ideologias da Europa medieval – a Igreja e a Cavalaria – fundiram-se numa só na Terra Santa" (33)

Cristãos na Terra Santa

A tomada de Jerusalém pelos cristãos foi um episódio terrível, como registra um cronista da época, William de Tyre: "Ao meio-dia de 15 de julho de 1099, sexta-feira, depois de um mês de assaltos contínuos, ao som de trombetas e de um barulho infernal [...] os Francos forçaram a entrada na cidade. [...] Seguiu-se um massacre atroz. Quase todos os habitantes da cidade, homens, mulheres e crianças, foram massacrados nas ruas, vielas, casas e onde quer que fossem descobertos. [...] Estima-se que dez mil pessoas pereceram." (34)

À época das Cruzadas, os guerreiros do Islã haviam varrido a Península Arábica, o Oriente Médio, o norte da África, atravessaram o Estreito de Gibraltar e tomaram a Espanha, sendo detidos apenas ao sopé dos Pirineus. Por algum tempo, somente a presença de Bizâncio impedia que a Europa fosse invadida também pelo leste.





É importante saber que esse incidente, longínquo para nós, ocidentais, permanece na memória dos povos do Oriente Médio, onde a tradição de cultura oral permanece arraigada. Muito do ódio que transparece nos atos de terrorismo insano hoje, inaceitável para nós, tem suas raízes neste evento, quase mil anos atrás. Outras culturas, outros valores; outros sistemas, outras características...

Retomando o fio da meada, tomada a cidade e feitas as estúpidas atrocidades de praxe – incompreensíveis até para a época truculenta em que viviam – a grande maioria dos cruzados voltou para casa, carregando o produto do saque.

Os que lá permaneceram, franceses em sua maioria, estabeleceram estados cristãos independentes, moldados no sistema feudal de sua terra de origem, compondo a região que chamavam *Outremer* (Ultramar). Mas nunca foram muitos. E ainda tinham que proteger os peregrinos que afluíam aos lugares sagrados, agora abertos, e lutar contra os muçulmanos.

Muito sofreram os peregrinos, mortos ou capturados e vendidos como escravos.

"A esse tempo, havia somente cerca de 500 cavaleiros para defender o Reino de Jerusalém. Obviamente, eles seriam fatalmente debilitados se fossem e espalhados pela Terra



O Papa Urbano II abençoa a partida da Primeira Cruzada. Apesar das brutalidades, as Cruzadas colocaram o ocidente marginalizado, ignorante e supersticioso junto à cultura brilhante do período dourado do mundo árabe.

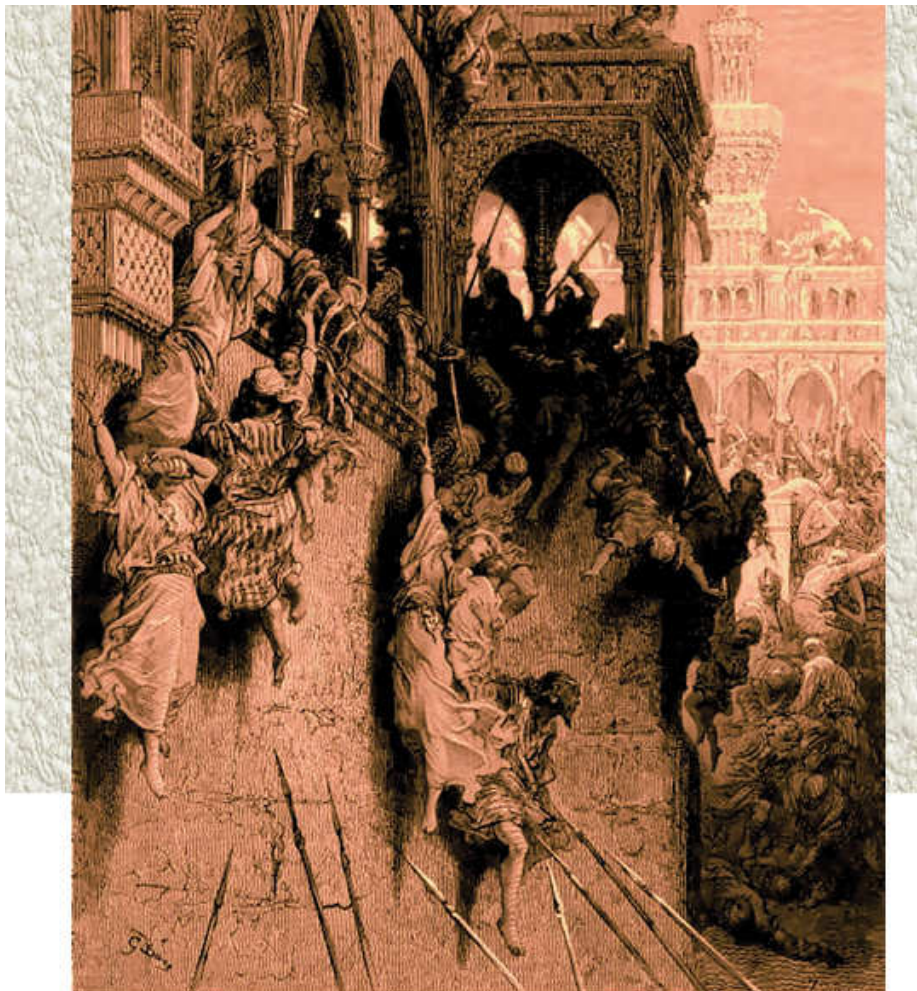
Santa. Assim, no início, pequenos bandos de cavaleiros cruzados voluntariamente chamaram a si essa tarefa de guardar as linhas de comunicação."(35)

Um pequeno bando de nove cavaleiros fundaria uma instituição que se tornaria lendária, a própria expressão do próprio espírito medieval. Ai, propriamente, começa a nossa história.

Os Pobres Cavaleiros de Cristo (184 B/C)

Em 1115, Hugues de Payns, um nobre da Borgonha, e Godofreus de St.Omer, um cavaleiro de Flandres, uniram-se a sete outros cavaleiros para patrulhar a perigosa estrada de Jaffa a Jerusalém. Eles haviam jurado, proteger os peregrinos e observar votos de pobreza, obediência e castidade, vestindo-se apenas de roupas velhas que lhes fossem dadas. O Rei Balduin I, impressionado, cedeu-lhes uma das alas do palácio real, a mesquita de al-Aqsa,





O estúpido banho de sangue dado pelos cruzados ao invadir Jerusalém ainda repercute negativamente no mundo islâmico, uma sociedade de sólidas tradições orais. Muitos dos cronistas francos deixaram o registro do seu espanto pela brutalidade da carnificina.

"Primeiro de tudo, vem a disciplina e a obediência absoluta. Todos [...] vivem em comunidade, sóbria, mas alegremente, sem mulher e filhos. [...] vivem na mesma casa, da mesma maneira, sem chamar nada de seu. [...] Cortam curtos seus cabelos... [...] Nunca se vestem em demasia, raramente se banham, bronzeados pela cota de malhas e pelo Sol." (36)

Praticavam o silêncio e a maior simplicidade. Rezavam uma Missa abreviada, com salmos e preces facilmente memorizáveis por homens que não sabiam ler. Nos refeitórios, os cavaleiros silenciosos sentavam-se em pares. Comiam carne três vezes por semana e tomavam vinho em todas as refeições. Enquanto comiam, escutavam trechos da Bíblia, especialmente os Livros de Josué e dos Macabeus, cujo herói, Judas, havia reconquistado a Terra Santa aos infiéis.

construída, como diz a lenda, sobre o local do Templo de Salomão. Daí vem o seu nome final, *Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão* – ou Cavaleiros Templários.

Hugues, já chamado Mestre dos Cavaleiros do Templo, viajou à Europa, obtendo o apoio entusiasmado da maior autoridade espiritual da época – por acaso parente seu, mais tarde canonizado como São Bernardo. Nas cópias sobreviventes, as regras da Ordem aparecem sob o comando do concílio e do venerável padre Bernardo, abade de Clairvaux. Foi o próprio S. Bernardo quem elaborou as regras da nova Ordem, aprovadas no Concílio de Troyes, em 1128. "... os soldados de Cristo lutam as batalhas do Senhor em segurança. Eles não temem nem o pecado por matar um inimigo nem o perigo de sua própria morte, porquanto a morte, infligida ou sofrida em nome de Cristo, não tem mancha de

crime e verdadeiramente merece a maior glória..."

Assim S. Bernardo resolveu a contradição entre seus votos como monges e como guerreiros. E descobriu um modo prático, dizem os cínicos, de canalizar a violência natural de homens turbulentos, agressivos e primitivos para uma atividade mais 'civilizada'. Matar infiéis, afinal, não era homicídio – era maledicídio...

É indiscutível que S. Bernardo foi o mentor intelectual dos Monges-Guerreiros, os primeiros e autênticos Soldados de Cristo.

Neste quadro do século XVII, São Bernardo (1090-1153) traz uma miniatura da abadia de Clairvaux, que ele tornou o centro da grande reforma do decaído clero de então.

As regras de S. Bernardo *"foram a base de todas as ordens militares [...] porque ele definiu uma nova vocação. Seus ideais foram expostos em um panfleto, De Laude Novae*



22

Militiae (Em louvor da Nova Cavalaria), escrito para atrair recrutas. Da noite para o dia, os Templários tornaram-se heróis. As doações vieram dos Reis de Castela e Aragão, do Conde de Flandres e de muitos outros Príncipes". (37)

Três bulas papais, *Omne Datum Optimum*, de 1139, *Milites Templi*, de 1144, e *Militia Dei*, de 1145, estabeleceram os Templários como uma Ordem privilegiada, subordinada diretamente a Roma, respondendo exclusivamente ao Papa.

Uma nova classe

Com essas doações, em pouco tempo, os Templários tinham propriedades não apenas em Jerusalém, mas em Antioquia e Tripoli (Palestina); Aragão (Espanha); Portugal e, mais tarde, Inglaterra, Aquitânia, Poitou e Provença (França); Apúlia, Sicília e Gênova (Itália); Hungria, Grécia e Alemanha. No seu auge, a Ordem teve mais de nove mil feudos em toda Europa, fonte primeira de sua imensa riqueza. As províncias, divididas em comendadorias ou preceptorados, serviam de base para recrutar e treinar e de sede administrativa das propriedades da Ordem na província.

A Ordem era dividida em três classes. A primeira era a dos cavaleiros, obrigatoriamente nobres de origem. Envergavam um manto branco, mais tarde adornado por uma cruz vermelha. A segunda classe, a dos sargentos, provinha da burguesia, com as funções de homens d'armas a cavalo, sentinelas e mordomos. Seu manto era preto ou marrom, também depois adornado com a cruz vermelha. A terceira classe era a dos clérigos, os capelães da Ordem. Ao contrário dos demais, não

usavam barba. Seu manto era verde, também adornado com a cruz.

A Ordem e sua fama cresceram. Foram também aceitos cavaleiros que serviam por tempo limitado e podiam casar-se.

Em sua forma final, por volta do século XIII, o Grão-Mestre era o posto mais alto na hierarquia Templária. Seguia-se o Senescal, seu Deputado; o Marechal, a quem cabia o comando militar; o comandante da cidade de Jerusalém; o drapier, intendente geral, e os Mestres Provinciais, estes com os mesmos direitos em suas províncias que os do Grão-Mestre. "O Grão-Mestre era escolhido por uma elaborada combinação de voto e sorteio, para assegurar imparcialidade". (38)

Os Templários obtiveram muitos privilégios. Estavam sob a proteção imediata do Papa e livres de qualquer outra jurisdição, fosse episcopal ou secular. As propriedades da Ordem, consideradas como sendo da Igreja, estavam isentas de taxaço. Suas igrejas e cemitérios não podiam sofrer interditos. Tais privilégios colocavam os Templários fora do alcance do clero secular.

Em pouco, os Templários, de todos os combatentes cristãos, passaram a ser os mais temidos pelos sarracenos. Não houve batalha, ganha ou perdida, em que sua participação não fosse muito importante. Embora incultos, no início, eram esplêndidos guerreiros, estóicos e disciplinados, que não davam nem pediam quartel. Seu estandarte de batalha,

como se diz na linguagem heráldica, era cortado, sendo o campo superior em preto e o inferior em branco. "O estandarte Templário chamava-se Beau Séant que também era um grito de guerra. [...] No francês medieval significava uma condição superior, para o qual os tradutores costumam empregar adjetivos como nobre, glorioso e mesmo magnífico. Como um grito de guerra, então, Beau Séant! era uma exortação. Seja nobre! ou Seja glorioso!" (39)

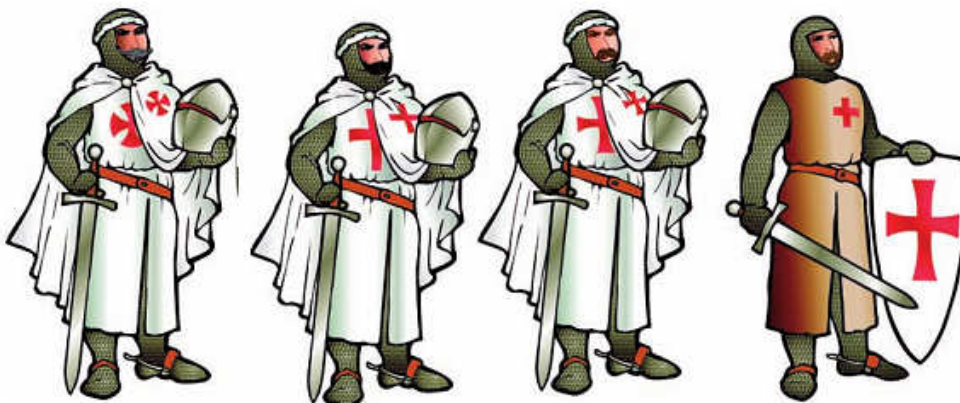
Perdê-lo em batalha significava desonra.

Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam – Não a nós, Senhor, não a nós, mas dá a glória ao teu nome – esta era a divisa da Ordem, tirada do Livro Sagrado (Salmos, 115, 1).

Se capturados, os Templários desdenhavam a salvação por conversão a outra fé. E nunca se permitiam ser resgatados. (40) Eram, invariavelmente, executados ou apodreciam na prisão.

Na batalha de Hattin, em 1187, pouco mais de 20.000 soldados cristãos enfrentaram 60.000 homens, comandados pelo Sultão Saladin. Os cristãos defenderam-se bravamente, mas foram obrigados a render-se. O Sultão tratou o Rei com cortesia e poupou a maioria dos prisioneiros, mas mandou matar os Templários e Hospitalários "porque eram os mais terríveis de todos os guerreiros francos".

Entre os Templários, os nobres cavaleiros vestiam mantos brancos e os sargentos d'armas túnicas marrons. Mas todos com as cruzes vermelhas.



Realmente, "no campo de batalha, os Templários não se permitiam retirar, a menos que estivessem em desvantagem de três para um. [...] Se seu comandante lhes dissesse para permanecer e combater até que o último Templário estivesse morto, a ordem era obedecida. Aqueles que entravam para a Ordem esperavam morrer em batalha – e a maioria deles morreu." (41)

Nos dois séculos seguintes, 20.000 Templários morreriam em batalha.

Atividades paralelas

Como Templários quanto Hospitalários, de que falaremos adiante, transportavam as tropas em seus próprios navios, acabaram transportando peregrinos à Terra Santa, que os preferiam, na certeza de que não seriam mortos ou vendidos como escravos pelos barqueiros desonestos. Com isso, os Monges Guerreiros passaram a conhecer marinharia e navegação. E no retorno da Terra Santa, enchiam seus barcos de especiarias, sedas, porcelana e vidro, acabando por tornar-se hábeis negociantes.

Para administrar e controlar suas múltiplas atividades, os Templários tornaram-se ainda especialistas em administração e finanças. "Os cavaleiros eram notavelmente adaptáveis. Alguns aprenderam árabe (os grandes oficiais contratavam secretários sarracenos) e seu serviço de espionagem não tinha rival. Eles tiveram que preencher algumas lacunas, como serviço bancário, porque somente eles tinham os cofres necessários, a organi-

zação e a integridade. Os Templários tornaram-se financistas profissionais. Todo o dinheiro recolhido para a Terra Santa era remetido por eles dos preceptorados europeus para Jerusalém, enquanto peregrinos e mesmo mercadores muçulmanos depositavam com eles o seu dinheiro." (42)

Peregrinos, depositando fundos nos preceptorados de sua região de origem, podiam retirá-los na Terra Santa, mediante a apresentação de uma letra de câmbio, mecanismo original criado pelos Templários. Dentro em pouco, tinham uma das maiores e, seguramente, a mais eficiente rede bancária do mundo ocidental.

"Por volta de 1290, sua sede em Paris oferecia os serviços de banco de depósitos, com um caixa que funcionava em regime diário, e serviços de contabilidade de grande valia para as administrações seculares contemporâneas." (43)

Decididamente, para os Monges Guerreiros, o mundo nunca mais seria o mesmo. E os Templários, com imensas propriedades em todas as terras da Cristandade, sobre as quais não davam a mínima satisfação nem pagavam qualquer taxa aos príncipes locais, despertariam inveja e rancor. Isso teria graves conseqüências no futuro.

Notas

(28) *Dicionário de Idade Média*, organizado por **Henry R. Loya**, Iarge Zahar Editora, 1990

(29) **Andrea Hopkins**, op. cit.

(30) *Jerusalem in History*, edited by **K. J. Asali**, Scorpion Publishing, 1989

(31) O Islã desde cedo dividiu-se em duas correntes maiores. Os muçul-

manos que respeitam a tradição (Sunna), tal como transmitida pelos califas ortodoxos, são chamados sunitas. Outra corrente, um cisma surgido em 661 A.D., como conseqüência do assassinato do Califa Ali, rejeita essa interpretação teológica baseada exclusivamente no Alcorão, preferindo as lideranças carismáticas dos imãs (sacerdotes). Os partidários desta corrente, denominados xiitas (Shi'ah), têm gerado muitos movimentos revolucionários.

(32) **H. R. Loya**, op. cit.

(33) *The Knights of Christ*, da série *Men-at-Arms*, **Terence Wise**, Osprey Publishing, 1984

(34) **K. J. Asali**, op. cit.

(35) **Terence Wise**, op. cit.

(36) **Terence Wise**, op. cit.

(37) *The Monks of War*, **Desmond Seward**, Folio Society, 2000

(38) **Desmond Seward**, op. cit.

(39) **John J. Robinson**, op. cit.

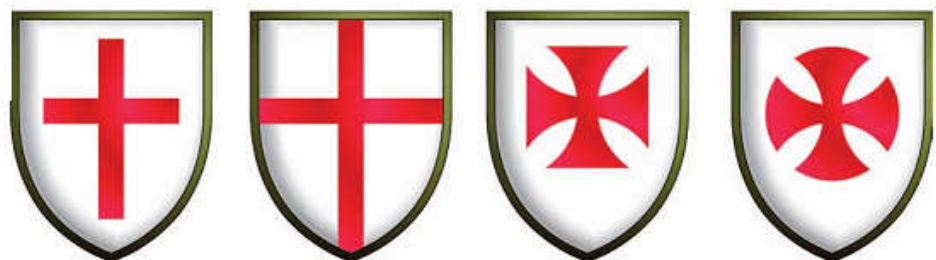
(40) O resgate era uma forma convenientemente aceita por todos para tirar proveito da guerra. O combatente nobre ou rico capturado pelo inimigo poderia ser resgatado pelo preço imposto pelo captor. O mais famoso resgate foi pago pelos ingleses para libertar seu Rei, Ricardo I Lionheart (Coração de Leão), capturado pelo Imperador Henrique VI, em Viena, quando regressava das cruzadas, estipulado em 100.000 marcos.

(41) **John J. Robinson**, op. cit.

(42) **Desmond Seward**, op. cit.

(43) *Military Orders - The Templars*, **Malcolm Barber**, ORB Online Encyclopedia, 1997

As cruzes templárias foram representadas de muitas formas, sempre vermelhas sobre fundo branco.





Este é o *pin* oficial do
Supremo Conselho do Grau 33
do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil

Você merece!

(mas tem que ser *regular*)



Demonstre sua condição de Maçom do Rito Escocês com o *Pin Oficial* do único Supremo Conselho regular do Brasil. Feito com esmero, banhado em ouro eletrolítico e esmaltado em vermelho e púrpura, com 20 ou 25 mm de largura. Este é o *pin* que não pode faltar em sua lapela!

Pin 20mm:
R\$ 20,00*

Pin 25mm:
R\$ 40,00*

* Acrescentar R\$ 5,00
para as despesas de
remessa

**Faça hoje mesmo sua reserva
por carta, fax ou telefone ao
Supremo Conselho!**

Rua Barão, 1317 - Praça Seca, Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Telefax: (21) 3390-3000
www.sc33.org.br / secretaria@sc33.org.br

Em amizade com todos os Supremos Conselhos regulares do mundo.

Supremo
Escocês
para a



Rua Barão, 1317 - Praça Seca, Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro, RJ - Brazil
Telefax: (021) 3390-3000
www.sc33.org.br / secretaria@sc33.org.br